

O signo tático no futebol: uma análise semiótica da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700030671>

Diego Frank Marques CAVALCANTE*

*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

A dinâmica do futebol profissional é marcada pelo rendimento e competitividade. Neste contexto, a tática é reconhecida como um aspecto decisivo para a eficácia do jogo. O objetivo deste artigo é contribuir para a investigação do comportamento tático no futebol por meio da abordagem semiótica. O propósito da semiótica é investigar os fenômenos através das ações dos signos. A função dos signos é tornar eficientes as relações ineficientes - a este processo inteligente dá-se o nome de semiose. Nesta abordagem, a tática é entendida como um signo coletivo. Este signo influencia formas específicas de orquestrar os movimentos dos jogadores. Um método semiótico que deve identificar e analisar esta ação do signo na tática do futebol é proposto. Para identificar efeitos dos processos de semiose é necessário observar regularidades nas formas de combinar os movimentos durante os jogos. Para a análise é necessário entender o contexto que aciona a semiose, os espaços do campo e os jogadores envolvidos, além da forma de combinar os deslocamentos entre os jogadores. Este método é utilizado para analisar um símbolo tático da seleção do Brasil que participou da copa do mundo da FIFA de 1970. O resultado da análise mostra que a ação de um dado signo tático é responsável por 42% dos gols brasileiros na copa do mundo de 1970.

PALAVRAS-CHAVE: Símbolo; Mente; Linguagem; Peirce.

Introdução

A intensa profissionalização do futebol está associada aos investimentos decorrentes de sua inserção na lógica de mercado e a sua divulgação pelos meios de comunicação. Em consonância com o investimento e a visibilidade, acentua-se a cobrança por resultados. Para RICHARD GIULIANOTTI¹, neste contexto, a disciplina e, sobretudo, a organização tática passam a ser representados como pressupostos fundamentais para o alto rendimento.

A tática no futebol passa a ser investigada por abordagens distintas, tendo em vista sua compreensão, otimização e suas relações socioculturais. Há importantes contribuições inspiradas na teoria dos jogos, como a desenvolvida por GRECO² ou baseada nas teorias dos sistemas complexos e cognitivos, como GARGANTA³. As mais conhecidas são as que privilegiam o posicionamento e as funções dos

jogadores. Estas relações são representadas por sequências de números: 3-5-2, 4-4-2, por exemplo⁴.

A abordagem semiótica vem ampliando seu escopo de objetos de investigação. Na esteira da semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce, SANTAELLA⁵, propõe um método para analisar a publicidade, imagens de vídeo instituições, música e dança. No contexto futebolístico, CAVALCANTE⁶ investigou a ação do signo na ocasião do drible, examinando lógicas distintas de ação mental por meio da análise dos movimentos dos jogadores.

A semiótica está inserida em uma ampla arquitetura conceitual desenvolvida por PEIRCE⁷. Este quadro conceitual pode ser assim apresentado: 1. Matemática; 2. Filosofia; 2.1 Fenomenologia; 2.2 Ciências normativas. São três as ciências normativas: 2.2.1 Estética; 2.2.2 Ética e 2.2.3 Semiótica. Da

mesma forma, são três os ramos da semiótica: 2.2.3.1 Gramática especulativa; 2.2.3.2 Lógica crítica, 2.2.3.3 Retórica especulativa. PEIRCE⁷ propõe ainda a metafísica Metafísica 2.3 e as ciências especiais 2.4. Segundo DE WALL⁸ existem relações de dependência lógica entre os ramos da filosofia de Peirce. A metafísica depende das ciências normativas (semiótica, estética e ética) assim como estas dependem da fenomenologia.

Neste sentido, para compreender a semiótica é necessário levar em conta a fenomenologia. O fenômeno, nesta abordagem, pode ser compreendido como qualquer coisa que se apresente a mente. O fenômeno pode ser descrito a partir das categorias fenomenológicas universais: primeiridade (Firstness), secundidade (Secondness) e terceiridade (Thirdness). Essas categorias descrevem os aspectos gerais e universais dos fenômenos, focando em seus aspectos formais.

A primeiridade é o aspecto qualitativo do fenômeno e está associado a originalidade e ao acaso. Qualidade de forma, cheiro, texturas ou sons em si mesmo: sem qualquer relação, ou seja, não se pode tomar consciência da primeiridade sem deformá-la. Isso porque a tomada de consciência das qualidades deriva de suas relações. Se há relações já não se trata de qualidades em si: entra-se no nível da secundidade.

A secundidade é caracterizada pela relação, reatividade, choque, consciência do aqui e agora derivada do atrito. A terceiridade é a categoria da mediação, lei, inteligência, generalidade, mente, aprendizado e evolução. A secundidade envolve a primeiridade tal como a terceiridade influencia a secundidade. As três categorias coexistem nos fenômenos, nesse sentido, seria mais adequado falar em predominância de uma das categorias.

A categoria da terceiridade conecta a fenomenologia com a semiótica dado que a mediação caracteriza a noção mais básica de signo, foco do estudo da semiótica. É importante destacar que os atributos da secundidade e primeiridade também são recuperadas na semiótica e em toda arquitetura da filosofia de Peirce.

Outro aspecto digno de relevo é que, no decorrer da evolução do pensamento de Peirce, as categorias se estendem de fenomenológicas para ontológicas. Isso implica que não se reduzem à esquemas de conhecimento sobre o real, elas compõem a própria realidade. Se é possível identificar qualidades, relações e mediações é porque há continuidade entre, por assim dizer, o mundo interno (fenomenológico) e o externo(real). Assim, é o homem que está imerso

na linguagem e não o contrário. Essa trama é mediada pela ação do signo que é o objeto central da semiótica.

PEIRCE⁹ apresenta pequenas variações sobre sua definição de semiótica ou lógica. Em geral, o autor destaca este ramo como a ciência que estuda o caráter representativo dos signos em relação a objetos. Esta representação é pensada como uma mediação inteligente que tem como objetivo tornar eficientes as relações entre o objeto e sua representação. Interessa à lógica, portanto, estudar como deveria funcionar o signo para que tivesse um determinado efeito significativo. Em uma sentença: a semiótica poderia ser compreendida como o estudo da ação do signo ou semiose.

PEIRCE¹⁰ descreve diferentes gradações de detalhamento sobre a ação do signo. O conceito mais simples e difundido poderia ser assim sintetizado: signo é uma coisa (fundamento do signo) que está no lugar de outra (seu objeto) para uma terceira (seu interpretante). O autor cita um exemplo simples para esclarecer o caráter triádico do signo. Um evento A produz um evento B e, em seguida, o evento B produz um C. Se A age diretamente em B e este diretamente em C, configura-se apenas uma relação direta entre dois elementos (diádica). Por outro lado, se o evento A produz B para gerar um efeito C, caracteriza-se uma relação triádica (mediada). Nesta dinâmica, C (interpretante) é predicado da relação de mediação de B (fundamento do signo) em sua relação com A (objeto).

O fundamento do signo (primeiro correlato) é aquilo que o habilita a estar no lugar de outra coisa. Se uma nuvem sugere o formato de um elefante, por exemplo. O que fundamenta essa nuvem como signo é senão a semelhança de suas formas com as do aludido animal. Neste caso, a razão do fundamento é qualitativa (quali-signo), ou seja, o que possibilita esse signo estar no lugar de outra coisa são relações de semelhanças ou qualidades.

O fundamento também pode derivar de uma conexão direta-individual do signo com seu objeto, como no caso da pegada que representa alguém que acabara de passar. Trata-se de um sin-signo. O fundamento do signo também pode ser uma lei (legi-signo) como uma bandeira que representa seu país graças a uma convenção.

O objeto (segundo correlato) é aquilo que será representado no signo, ou seja, aquilo que o signo se coloca no lugar. PEIRCE⁹ destaca dois níveis para o objeto: dinâmico e o imediato. O imediato é o objeto tal qual representado no

signo, ou seja, já dentro da representação. No exemplo da nuvem citado acima, seria a forma do elefante como sugerida pelas formas da nuvem. O objeto dinâmico está fora do signo, no aludido exemplo, seriam os possíveis elefantes reais que poderiam ser sugeridos pela nuvem. Os signos derivados da relação entre o fundamento do signo com o objeto dinâmico são: ícone, índice e símbolo. Estes serão detalhados no segundo momento do artigo.

O interpretante (terceiro correlato) é compreendido como o efeito potencial ou real do signo sobre uma mente. Peirce destaca três dimensões para o interpretante: o imediato, dinâmico e o final. O imediato está dentro do signo: é o potencial de significado do signo. No aludido exemplo da pegada, seriam todos os significados possíveis de ser extraídos da pegada: se era um animal, um homem, a quanto tempo passou etc. A nível de interpretante imediato os significados são latentes, ou seja, não são atualizados em uma mente específica: são possibilidades.

O interpretante dinâmico é a atualização de um dos possíveis efeitos do signo em uma mente real (quase-mente). Esse efeito pode variar em consonância com a experiência colateral do interprete envolvido na ação do signo, ou seja, sua familiaridade com o objeto representado no signo. No aludido exemplo da pegada, se fosse um bebê que ainda não conhece a relação causal entre pé e pegada, o efeito desta última seria meramente emocional: uma rema.

Um jovem que conhece a relação de contiguidade entre pé e pagada, já representaria uma relação entre sujeito (pé) e predicado (pegada). Nesse caso, quando o efeito interpretante é uma cópula entre sujeito e predicado, tem-se um discisigno.

Se um experiente índio se deparasse com a pegada teríamos outra dimensão interpretante. Ele conhece as leis representadas na pegada que o possibilitam concluir sobre qual animal passou, em que tempo, se estava caçando ou não. Se a pegada tem dada consistência, relevo e gradação de umidade, então, o animal deve ter passado a um dado tempo, com determinada intensidade etc. Nesse caso, temos um argumento, ou seja, um silogismo. A partir de uma lei geral, extrai-se um caso individual do qual se segue uma conclusão. O silogismo Bárbara é um exemplo clássico: Todos os homens são mortais. Aristóteles é homem, logo, é mortal.

O interpretante final é um condicional futuro, ou seja, seria o resultado de uma pesquisa se esta fosse levada longe o suficiente para extrair todas as

conclusões possíveis de um signo, ou seja, ter-se-ia um conhecimento completo de um objeto por meio de sua representação. Trata-se apenas de um estado hipotético na medida em que, segundo a teoria semiótica de Peirce, todo conhecimento é passível de erro (teoria do falibilismo).

O conhecimento é representação, logo, não poderia ser a coisa em si (objeto dinâmico), ou seja, o signo representa seu objeto em em alguns aspetos em não em sua totalidade, ergo, não poderia haver identidade total. O interpretante final, portanto, é um ideal futuro. A investigação deve ser conduzida por esse propósito.

A ação do signo ou semiose se desenvolve na relação entre os três correlatos sígnicos: signo-fundamento, sua relação com o objeto e seu efeito interpretante. Semiose é sinônimo de comportamento inteligente, evolução, crescimento, processos adaptativos. É nesse sentido que a função do signo deve ser a de tornar eficientes as relações ineficientes, possibilitar o acréscimo de conhecimento. Nesta relação, predomina o caráter triádico-mediativo do signo em detrimento do diático-reativo.

É importante destacar que a noção de mente em PEIRCE⁷ não é psicológica ou se refere a algo que está apenas no cérebro. Não é por acaso que o autor chama o interpretante dinâmico de quase-mente. A mente se forma na interação, nas relações e traduções diagramáticas entre os signos. A quase-mente (interpretante dinâmico) é um signo que traduz um outro que lhe afeta. A ação mental, portanto, é caracterizada pela mediação e interação.

Outro aspecto importante é que a semiose não se reduz a um interprete isolado. Segundo PEIRCE¹⁰ na medida em que se desenvolve um conhecimento em comum, os sujeitos podem ser influenciados por um mesmo signo gerando uma ação mental mais extensa, ou seja, uma mediação que influencia ações coletivas. Tal tipo de ação do signo seria aquela que influenciaria a coordenação dos movimentos dos jogadores de futebol: o signo tático.

Como funcionaria a ação do signo tático no futebol? Antes de tudo é necessário que os jogadores tenham compartilhado conhecimentos por meio de intensos treinamentos coletivos. É o conhecimento em comum que possibilitaria a ação do signo sobre vários jogadores ao mesmo tempo: uma ação mental ampliada.

Para facilitar a compreensão da semiose tática no futebol, denominaremos dois times que duelam: time A e time B. Suponhamos que a equipe A detenha a

posse da bola e a equipe B se defenda. Analisemos, de forma geral, a semiose tática do time A.

Durante a partida de futebol os signos são, de forma dominante, cinéticos, ou seja, são, sobretudo, as movimentações dos jogadores que fundamentam a ação do signo. Por outros termos, são os movimentos que estão no lugar de outra coisa e que possibilitam a significação. Mas o que seria o objeto dinâmico na ação do signo tático, ou seja, o que estaria sendo representado nos movimentos?

Ora, o objeto dinâmico é aquilo que é representado no signo, ou seja, o que se quer conhecer. No contexto específico do jogo de futebol em seu andamento, seria a combinação futura dos movimentos do adversário. O objeto imediato seria as movimentações combinadas “atuais”, ou seja, é possível conhecer os futuros deslocamentos combinados dos jogadores adversários (objeto dinâmico), a partir de sugestões, indicações ou regras de movimentações expressas nas movimentações atuais. No exemplo em questão, tomando como referência o time A (de posse da bola), o objeto imediato são as atuais movimentações do time B.

O interpretante imediato são todas as possíveis significações derivadas das movimentações combinadas “atuais” do time B. Um interpretante dinâmico específico seria o significado extraído dessas movimentações (time B) pelos jogadores do time A. Graças ao intenso treinamento em conjunto, os atletas do time A compartilham o conhecimento

sobre a lógica de movimentação da defesa, ou seja, tem uma experiência colateral que permite a extração coletiva de detalhados significados cinéticos sobre as possíveis movimentações do time B.

Trata-se do desenvolvimento de um argumento coletivo desenvolvido entre os jogadores do time A. Se os movimentos dos jogadores do time B devem ser estes, então, determinado modo de deslocamento deve ser efetivo. Em uma jogada de ataque efetiva, portanto, deve haver uma leitura coletiva efetiva do signo adversário bem como a combinação das conclusões que são expressas sob a forma de movimento.

A semiose tática, portanto, funciona na interação entre os times. Os treinamentos em conjunto possibilitam o desenvolvimento de experiências colaterais que tornam mais efetivas as ações do signo tático. Do ponto de vista semiótico, o time que ler com mais eficiência os signos do adversário deve ter a melhor *performance*.

O objetivo deste artigo é contribuir para a investigação de processos de semiose tática no futebol. Trata-se de um método que busca identificar, descrever e analisar ações do signo em sua influência no orquestramento dos comportamentos dos jogadores em dadas ocasiões. Nessa trama, o interpretante dinâmico passa a ser o analista semiótico que tenta extrair a lógica de movimentação coordenada de um dado time por meio da análise de seus signos.

Método

Amostra

Para esta pesquisa foram utilizados imagens dos jogos da seleção brasileira de futebol na copa do mundo da FIFA de 1970. Eis os jogos: Brasil vs Checoslováquia; Brasil vs Inglaterra; Brasil vs Romênia; Brasil vs Peru; Brasil vs Uruguai; Brasil vs Itália.

O método semiótico

SANTAELLA¹¹ vem desenvolvendo uma abordagem aplicada para a semiótica de Peirce que, de princípio, era essencialmente teórica. Segundo a autora, a semiótica se torna uma metodologia na medida em que seus recursos possibilitam analisar processos como governados pela ação do

signo. Para isto, a autora se vale do primeiro ramo da semiótica elaborada por Peirce: a gramática especulativa. Este ramo é uma teoria geral para todas as espécies possíveis de signos, suas relações e efeitos. Assim, disponibiliza uma estrutura lógica detalhada de como deveriam agir os signos para gerarem significações, denotações e interpretações.

Para SANTAELLA^{5,11} como os fenômenos apresentam, em seus processos, a estrutura lógica da ação do signo, podem ser investigados por meio de um método semiótico. A autora propõe que a ação do signo pode ser investigada a partir de três perspectivas - destacando o signo em si mesmo (significação); a determinação do signo pelo objeto dinâmico (objetivação); ou os efeitos interpretantes do signo (interpretação).

Neste artigo, o foco será na objetivação. Tal estratégia possibilita a compreensão da forma como o

signo representa seu objeto. Tal estratégia convém na medida em que interessa compreender a relação do signo tático com seu objeto, ou seja, como influencia a ação dos jogadores em dados contextos. Neste sentido, é importante destacar a lógica da interação entre ícone, índice e símbolo.

PEIRCE¹⁰ designa como segunda tricotomia a que estuda a relação do signo com seu objeto dinâmico. Esta tricotomia divide os signos em símbolos, índices e ícones. Para que a ação do signo seja completa, deve haver inter-relação entre estas três formas de signos. Cada tipo de signo tem funções específicas que colaboram para o processo efetivo de semiose.

O símbolo é um signo que se refere ao seu objeto dinâmico em virtude de uma lei, convenção ou hábito. Para PEIRCE¹⁰ a lei deve ser pensada de forma generosa: são tendências ou influências que devem governar futuras ocorrências. O hábito é uma lei da mente que funciona influenciando ações futuras: se uma ocasião for reconhecida uma dada mediação deveria ser eficiente tendo em vista um propósito. A presença de um símbolo é fundamental para que se desenvolvam argumentos. PEIRCE⁷ chama de profundidade lógica a complexidade predicativa derivada dos raciocínios governados por um símbolo.

O símbolo, em essência, é potencial, pois influencia situações, objetos e sujeitos gerais - não é sua função indicar e informar sobre contextos reais. Para tanto, ele precisa de índices que denotem objetos e sujeitos reais e ícones que forneçam qualidades de informação e sentimentos de reconhecimento da ocasião real.

Para PEIRCE⁹ o índice é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por este objeto. O índice chama a atenção para os sujeitos e aspectos reais e os copula em uma proposição. Os índices conectam ao símbolo os sujeitos e objetos que serão influenciados pelo hábito mental. PEIRCE⁹ chama de amplitude lógica os sujeitos e objetos reais envolvidos na ação do símbolo. No entanto, os índices, em essência, apenas denotam aspectos do real, não apresentam qualidades de informação ou de sentimento, para isto são necessários ícones.

Segundo PEIRCE¹⁰ ícones são signos determinados por seu objeto dinâmico em virtude de suas próprias qualidades. Para comunicar qualquer ideia são necessários ícones. É graças as qualidades icônicas que os contextos sob a ação do Símbolo podem ser reconhecidos. Isso porque para reconhecer um

contexto é preciso das semelhanças apresentadas pelas qualidades icônicas.

Os ícones disponibilizam qualidades informativas para os índices preenchem seus aspectos denotativos com informações do objeto dinâmico. Os símbolos também precisam das informações icônicas para serem manipulados pela ação do hábito mental. Neste sentido, para a ação completa do signo é necessário a inter-relação das três formas de signos.

Método semiótico para a análise da tática no futebol

O método intenta investigar o comportamento tático de determinado time do ponto de vista da ação do signo. Deve identificar, descrever e analisar o processo de semiose tática. Para isso, é preciso compreender como deveriam agir os símbolos, índices e ícones no contexto da tática no futebol. Nessa trama semiótica, o interpretante dinâmico é o analista semiótico que busca conhecer por meio das imagens (fundamento do signo) a lógica do comportamento tático de um dado time (objeto dinâmico).

O objeto dinâmico, aquilo que é representado pelo signo, no caso das análises das imagens dos jogos são: os treinamentos, as jogadas ensaiadas, a tática imaginada pelo treinador, ou seja, o longo trabalho de treinamento que é representado pelas jogadas durante o jogo. Aspectos dessa mente tática desenvolvida durante o treinamento pode ser conhecida a partir da observação dos seus signos (imagens dos jogos).

O símbolo tático, por meio do governo de seu hábito ou lei, deve mediar as intenções dos jogadores para que, em situações gerais de jogo, formas específicas de combinar comportamentos possam ser inferidas tendo em vista uma organização da jogada. Neste sentido, quanto mais complexas, variadas e efetivas as formas de combinação, maior a profundidade lógica de um dado símbolo tático.

Os índices táticos denotam os aspectos do jogo que devem ser influenciados pelo símbolo e devem gerar uma atenção recíproca entre os jogadores envolvidos na jogada, além da bola, dos espaços e das movimentações dos adversários. Os índices táticos, portanto, conectam os jogadores e os espaços envolvidos na jogada e os inserem na ação do hábito simbólico.

Os ícones táticos sintetizam, por meio de suas qualidades específicas, sentimentos de reconhecimento que sugerem ao símbolo tático que determinado

contexto de jogo é semelhante ao generalizado pelo hábito, acionando-o. Por meio de suas qualidades, os ícones informam também sobre os movimentos dos jogadores, regiões do campo, posicionamento das traves, em suma, os aspectos do jogo. Algumas destas qualidades são conectadas e denotadas pelos índices e governadas pela lei do símbolo.

Segundo PEIRCE¹⁰ a mediação do hábito pode ser identificada por meio das ações que ele governa. O autor as designa como réplicas, que não são meros reflexos do símbolo ou idênticas entre si, pois derivam de uma complexa relação entre a influência geral do hábito e as resistências específicas de cada ocasião. Neste sentido, as réplicas devem trazer gradações de regularidade (em função da influência da lei) e ocasionais (específicas da resistência do real) e também podem ajudar no refinamento do hábito, pois sua ocorrência é um teste para a eficiência da ação do signo. No caso de ineficiência, o hábito deve ser aperfeiçoado.

A identificação dos símbolos, portanto, deve ser indutiva, ou seja, a partir da observação das experiências (jogadas), a persistência na similaridade entre as características da jogada indica que estas estão relacionada a uma mesma regra (Símbolo), logo, em situações futuras, em contextos simulares, é provável que tal modo de orquestrar os movimentos seja acionado.

Para identificar as leis de um símbolo tático, deve-se observar as jogadas e perceber gradações de regularidade nas formas de combinação das movimentações. Para identificar os indícios táticos, deve-se destacar os jogadores que geralmente participam destas jogadas e em quais regiões do campo. Para determinar a ação do ícone, de forma específica, seu sentimento de reconhecimento, deve-se identificar as ocasiões que acionam as combinações de deslocamentos são governadas pelo hábito.

A análise semiótica da tática deve se concentrar nas jogadas identificadas pelo método descrito, logo, apenas jogadas que gozam de regularidade são passíveis de serem analisadas por esse método. Jogadas ao acaso, singulares, não estão ainda inseridas em símbolos, logo, não se pode compreender sua influências sob as ações futuras dos jogadores. O método, portanto, se aplica a jogadas com gradações de regularidade (indicação da ação de um símbolo).

Nestas jogadas, deve-se examinar como os ícones, índices e símbolos se relacionam. Trata-se de

examinar as relações entre a situação que desencadeia a ação do signo, os jogadores envolvidos e as regiões do campo, e as formas como os deslocamentos são orquestrados.

Antes de adentrar na análise semiótica propriamente dita, no entanto, é preciso um método para selecionar as jogadas que serão analisadas a partir das imagens. Esse caminho pode ser simplificado em quatro passos: propósito, contemplação, distinção e análise.

O primeiro é definir o propósito da análise semiótica, ou seja, o que interessa para o analista semiótico conhecer do time? Semioses defensivas, de organização ou de ataque? O propósito deve guiar o que deve ser observado para identificar e analisar os símbolos envolvidos. Se o interesse é compreender a eficácia comunicativa de uma defesa, então, a observação deve se concentrar nesse tipo de jogada.

Nesse artigo, foi escolhido a observação das jogadas de ataque que resultaram em gol. Tal contexto foi escolhido porque evidenciam os símbolos decisivos naquela seleção brasileira que ficou conhecida pelo grande poder de ataque.

O segundo passo é o da contemplação. Tendo o propósito em mente o analista semiótico deve observar o máximo de imagens disponíveis do time em análise. Para a composição deste artigo, a observação se direcionou, portanto, para as jogadas de ataque da seleção brasileira de 1970 que resultaram em gol. A partir da contemplação o analista já deve ter a impressão de gradações de regularidades nos modos de coordenação dos movimentos.

O terceiro passo é o da distinção. Como foi discutido acima, a regularidade é efeito da ação de um símbolo, logo, de um hábito mental. Deve-se distinguir modos diferentes de regularidades. Estes padrões devem ser efeitos de símbolos diferentes.

Para esse artigo selecionamos o símbolo que chamamos avalanche em arco e flecha. Tal símbolo tático foi escolhido em consonância com o propósito, ou seja, é um símbolo que pode ser inferido indutivamente das jogadas de ataque brasileiras que resultaram em gols.

O quarto momento é o da análise propriamente dita. Neste momento da análise deve ser destacado os hábitos simbólicos e suas relações com índices e ícones. Por outras palavras, a lógica de orquestração dos movimentos, os jogadores e os espaços que geralmente participam da jogada e o contexto.

Resultados

Utilizando o método de identificação descrito, foram observadas formas regulares de orquestrações de comportamento. Neste artigo, uma dessa destas semioses será analisada: a aqui denominada planificação em avalanche. Esta ação do signo foi responsável por sete dos 19 gols marcados pelo Brasil na copa do mundo da FIFA realizada em 1970.

A escolha de tal símbolo tático e suas réplicas (jogadas influenciadas pelo símbolo) se deve ao primeiro passo do método: o propósito. Ficou delimitado que o interesse estava relacionado nas jogadas de ataque da seleção brasileira que resultaram em gols. Nesse sentido, é em consonância com o propósito escolhido pelo analista que as jogadas e seus símbolos influentes devem ser selecionados. O método, portanto, se molda aos interesses do analista.

A partir da identificação das jogadas influenciadas pelo signo tático, passa-se para o método analítico tendo em vista investigar como o símbolo, índice e ícones funcionam. Nas jogadas analisadas, a ação do

signo tem dois momentos principais: a planificação da jogada e a finalização em avalanche.

O primeiro passo foi examinar o reconhecimento icônico das jogadas, ou seja, em que ocasiões a ação deste signo é acionado. No momento de planificação da jogada a situação era a seguinte: a organização do ataque brasileiro quando a defesa adversária está parcialmente recomposta. Trata-se de situação em que os jogadores não percebem como vantajosa o uso de bolas longas como recurso de contra-ataque.

O segundo passo é analisar a ação dos índices. Estes indexam os jogadores de tal modo que formam um bloco horizontal. Tomemos uma situação hipotética. Aquele que detém a bola, que chamaremos de jogador A, tem sua atenção conduzida ao espaço imediatamente ao lado. Nesta região deveria estar o jogador B vindo de uma posição menos avançada. Jogadores que chamaremos de C e D devem compor a mesma lógica copulativa formando um bloco horizontal que avança lentamente. A FIGURA 1 apresenta estas relações indiciais.

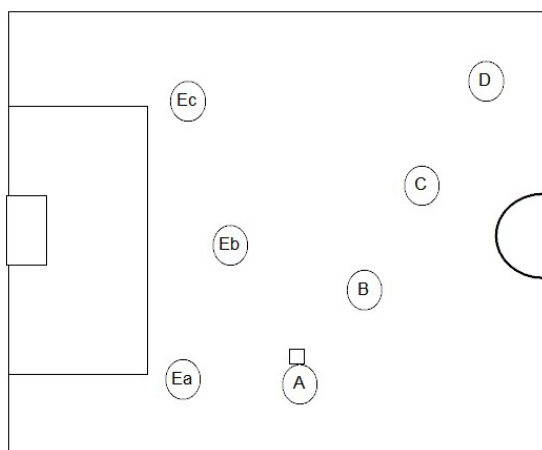


FIGURA 1 – Na figura, os círculos representam o posicionamento geral dos jogadores brasileiros influenciados pelos índices táticos da semiose em análise. O quadrado indica posicionamento da bola. Esta organização se refere ao primeiro momento da semiose. Trata-se de uma situação hipotética na qual a jogada teria início pela esquerda ofensiva brasileira. As letras dentro do círculos representam jogadores que em geral ocupam estas posições. As letras A, B, C e D indicam a lógica de posicionamento dos jogadores na evolução da jogada, compondo um plano. O jogador E indica a posição que aciona o segundo momento da semiose, ou seja, o avanço em avalanche. Este segundo momento pode ser iniciado pela esquerda, representado pelas letras Ea. Pelo centro, representado pelas letras Eb. Pela direita, representado pelas letras Ec.

Há um outro elemento nesta trilha de índices. Trata-se de um jogador que deveria se posicionar à frente do bloco, chamaremos de jogador E. Trata-se do jogador que, em geral, aciona o segundo momento da semiose

(desenvolvimento da avalanche) quando recebe a bola. Este jogador pode se posicionar na esquerda, na direita ou no centro. A FIGURA 1 representa estas possíveis posições por meio das letras Ea, Eb e Ec.

O Terceiro elemento é a ação do Símbolo. Este deve possuir um hábito que associe os comportamentos dos jogadores em dadas ocasiões. Se tomarmos a situação da FIGURA 1 como exemplo na qual a bola é dominada pelo jogador A, poder-se-ia descrever o hábito simbólico da seguinte forma, a saber.

O Índice tático deveria envolver diretamente os jogadores A, Ea e B (FIGURA 1). Se A e E compartilham da crença de que a transição da posse da bola (de A para Ea) seria vantajosa em dada localidade, então, A deve tocar a bola para Ea. A transferência é vantajosa quando os jogadores acreditam que a sincronização de seus comportamentos transcende a capacidade do adversário em recuperar a bola bem como resultará em uma situação de jogo privilegiada em relação a precedente.

Se não há o compartilhamento de crença entre os jogadores A e Ea, então, o jogador A deveria ser conectado ao jogador B que deveria estar atento ao

jogador A. O jogador A transfere a bola para B que deveria fazer o mesmo procedimento com o jogador C, caso não seja obtida crença em uma relação vantajosa com E. Da mesma forma deveria agir o jogador C em relação aos jogadores E e D. O resultado deste processo simbólico é o avanço gradual e em bloco da jogada. Este avanço chamamos de planificação.

O efeito desta ação simbólica seria uma sequência de transições horizontais de bola que tem o propósito de formar um bloco de possibilidades de avanços gradativos da jogada. Este avanço se desenvolve até o momento em que surgir a crença compartilhada de que a transição de bola para posição E (apresentada na FIGURA 1) seria vantajosa. A transição para o jogador E marca o segundo momento desta semiose tática que é sugerida pelo sentimento icônico. A FIGURA 2 apresenta uma situação hipotética em que a bola seria transferida para um jogador posicionado no centro (posição Eb).

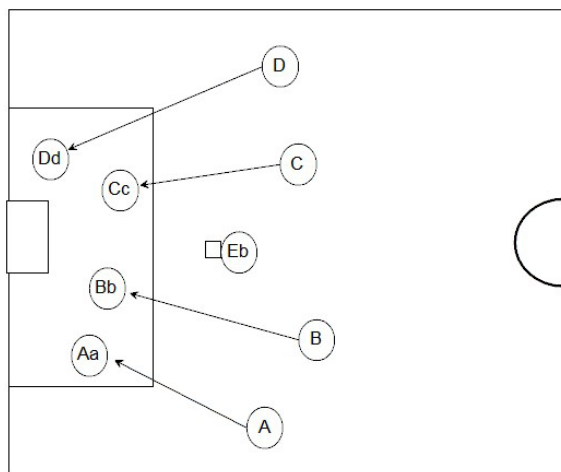


FIGURA 2 – Representa o segundo momento da semiose, o avanço da avalanche. Trata-se de um caso hipotético no qual a passagem do primeiro momento da semiose (FIGURA 1) para o segundo teria sido realizado pelo centro, ou seja, para a posição Eb. As setas indicam os trajetos gerais realizados pelos comportamentos dos jogadores no desenvolvimento em avalanche. As letras A, B, C, D, representam as posições gerais dos jogadores antes do acionamento da avalanche. As letras Aa, Bb, Cc, Dd, representam os deslocamentos dos jogadores no “avanço” da avalanche.

O sentimento icônico, portanto, reconhece o segundo momento da semiose. Nesta ocasião, os índices deveriam formar um novo bloco imediatamente atrás do jogador Eb (FIGURA 2). O hábito do Símbolo tático, neste segundo momento, pode ser descrito da seguinte forma : quando o jogador Eb receber a bola, os jogadores A, B, C e D deveriam avançar rapidamente formando um bloco em alta velocidade, compondo possibilidades de finalização. O jogador

Eb observa a jogada e infere a possibilidade que crer como mais vantajosa na ocasião. Supomos que o jogador Eb passe a bola para o jogador que faz o trajeto de D para Dd (FIGURA 2).

Neste trama, a velocidade da bola lançada por A deveria compor uma associação com a movimentação de D de modo que este encontro seja suficiente para suplantar a capacidade do adversário de interceptar a bola.

É importante destacar que A, B, C, D e E não representam jogadores específicos. Na seleção brasileira de 1970, vários jogadores faziam estas funções, portanto, antes do carrossel da Holanda em 1974, já havia o brasileiro em 1970.

Deveria haver um símbolo que coordena os comportamentos dos jogadores fazendo com que, em cada contexto, diferentes jogadores se desloquem de tal modo que a avalanche é formada. A FIGURA 2 representa o comportamento em avalanche. As

variações de A para Aa, B para Bb, C para Cc e D para Dd, ilustram este deslocamento.

Geralmente 7 jogadores participavam deste comportamento coordenado em avalanche: Pelé, Jair, Rivelino, Tostão, Clodoaldo, Carlos Alberto e Gérson. A participação geral destes jogadores em cada posição tomando como referência a FIGURA 2 seria a seguinte: Pelé (A, B, C, D, E), Tostão (A, B, C, D, E), Jair (A, B, C, D, E), Rivelino (A, B, E) Gerson (B, C), Clodoaldo (B, C), Carlos Alberto (C, D).

QUADRO 1 – Apresenta os jogos realizados pelo Brasil na copa do mundo de 1970. Os gols marcados em cada partida. Os gols marcados sob a influência da semiose tática de planificação em avalanche.

Partidas	Gols marcados	Gols: semiose tática
Brasil vs Checoslováquia	4	0
Brasil vs Inglaterra	1	1
Brasil vs Romênia	3	1
Brasil vs Peru	4	1
Brasil vs Uruguai	3	2
Brasil Itália	4	2

Se for tomado como referência as relações entre as FIGURAS 1 e 2 é possível identificar estes gols, a saber. No jogo Brasil vs Inglaterra, Paulo César domina a bola na posição A (FIGURA 1). Transfere a bola para Tostão que está na posição Ea. Tostão avança com a bola para o trajeto Aa (FIGURA 2). Nesta situação, o segundo momento da semiose (a avalanche) é acionado pelo sentimento icônico. Se Tostão avança pela esquerda, Paulo César (que houvera tocado a bola para Tostão) se desloca para a posição Bb (FIGURA 2). Pelé passa para a posição Cc e Jair para a posição Dd. Tostão planifica o jogo para Pelé na posição Cc que continua a planificação da jogada transferindo a bola para Jair na posição Dd. O deslocamento de bola forjado por Pelé se associa com o movimento em alta velocidade de Jair que faz o gol.

Há, portanto, o momento da planificação da jogada, buscando uma situação de crença que é atingida com a associação de ideias entre Pelé e Jair. Esta planificação ocorreu em menor ou maior grau nas jogadas influenciadas pela semiose tática aqui analisada. O que faz a planificação perdurar é a busca por uma situação vantajosa.

No jogo entre Brasil e Romênia, o segundo gol brasileiro foi marcado pela influência desta semiose tática. A ação do signo inicia com Jair na Posição B (FIGURA 1) que transfere a bola para Paulo César na posição Ea (FIGURA 1). Quando Paulo

César recebe a bola o momento em avalanche é acionado. Jair se desloca no trajeto Bb (FIGURA 2), Tostão no Cc enquanto Pelé vai para a região Dd. Desenvolve-se o comportamento em avalanche compondo possibilidades de finalização. Paulo César transfere a bola para Jair na posição Bb que faz o gol.

No jogo entre Brasil e Peru, o terceiro gol também foi influenciado pela semiose planificação em avalanche. Pelé toca a bola para Jair que está na posição C (FIGURA 1). Pelé, por sua vez, se desloca para a região Ec (FIGURA 1), pois tal região do campo estava desocupada. Jair houvera saído desta posição para receber a bola na Posição C (FIGURA 1). Trata-se da influência da ação do hábito na organização do bloco. Se Jair saiu da posição Ec e foi para a posição C (próximo de Pelé), Pelé deveria sair da posição C e ir para a posição Ec, compondo o revezamento.

Jair passa a bola para Pelé na posição Dd (FIGURA 2) que a domina, desenvolvendo a avalanche. Neste momento, Tostão avança rapidamente para a posição Cc (FIGURA 2) e Rivelino para a posição Bb (FIGURA 2), compondo as possibilidades de finalização. Tostão faz o gol no trajeto Cc (FIGURA 2).

No jogo Brasil vs Uruguai dois gols apresentaram sintomas desta ação do signo. O primeiro e o terceiro. No primeiro gol, Clodoaldo na posição B (FIGURA 1) toca para Tostão na posição Ea (FIGURA 1). Tostão avança para a posição Aa (FIGURA 2) enquanto

Clodoaldo se desloca no trajeto Bb e Pelé no Cc, compondo a avalanche de finalização. Tostão transfere a bola para Clodoaldo que faz o primeiro gol do Brasil no jogo.

No terceiro gol do Brasil contra o Uruguai a trama foi a seguinte. Tostão está na posição C (FIGURA 1) e transfere a bola para Pelé na região Eb (FIGURA 1). Neste momento, a avalanche é acionada. Pelé se desloca em direção a região Bb (FIGURA 2). Enquanto isso formam a avalanche: Rivelino na trajetória Cc (FIGURA 2) e Tostão na Dd. Pelé transfere a bola para Rivelino que faz o gol.

No jogo final entre Brasil e Itália houveram dois gols sob a influência da semiose aqui discutida. O segundo e o quarto. Eis os elementos do segundo gol.

Discussão

Este método contribui para a investigação detalhada dos comportamentos táticos dos jogadores pensados como ações do signo. As combinações regulares e efetivas dos comportamentos são efeitos do aperfeiçoamento de cognição estendida, desenvolvida entre os jogadores por meio do treinamento. A identificação e análise dos ícones, índices e símbolos táticos, possibilita investigar a forma como os jogadores raciocinam coletivamente, quais jogadores geralmente estão envolvidos em que regiões do campo e quais situações acionam a jogada.

Nesse sentido, conhecendo os principais símbolos táticos de um dado time, é possível inferir suas movimentações coordenadas mais prováveis em cada contexto de jogo e quais jogadores participam da jogada, ou seja, é possível prever aspectos do comportamento adversário. A partir dessa projeção, o analista semiótico (em conjunto com o técnico) pode elaborar hipóteses sobre como anular tais Símbolos táticos.

Tais hipóteses de jogo, portanto, podem ser treinadas. O time reserva simula o comportamento tático do adversário enquanto o titular treina, testa, reformula e refina as hipóteses de jogo em consonância com sua eficiência. Tal treinamento deve formar símbolos táticos capazes de anular os dos adversários, forçando-os a arriscar jogadas não treinadas, levando-os ao erro.

Se jogadas regulares são efeitos de símbolos e estes derivam da formação de hábitos coletivos (no treinamento), então, se as jogadas regulares são

Everaldo na posição A (FIGURA 1) transfere a bola para Jair na posição Eb (FIGURA 1) que ao dominar a bola aciona a avalanche. Everaldo se desloca no trajeto Aa (FIGURA 2), Pelé se posiciona no trajeto Dd (FIGURA 2) enquanto Gérson se desloca para o trajeto Bb. Jair toca a bola para Gérson que faz o gol.

No quarto gol Rivelino está na posição A (FIGURA 1) e transfere a bola para Jair que estava na posição Ea (FIGURA 1), acionando a avalanche. Neste momento, Tostão se desloca para o trajeto Bb (FIGURA 2), Pelé para o trajeto Cc (FIGURA 2) enquanto Carlos Alberto avança na região Dd. Jair conduz a bola e planifica a jogada para Pelé em Cc. Pelé mais uma vez planifica a jogada para Carlos Alberto no trajeto Dd que em alta velocidade, faz o gol.

anuladas, logo, os jogadores adversários são forçados a arriscar. Se fazem jogadas sem treinamento, a probabilidade de errar é maior.

O método também pode contribuir para a investigação do próprio time. Conhecendo os símbolos táticos já desenvolvidos entre os jogadores, é possível projetar novas combinações, contextos ou jogadores envolvidos.

Esta investigação foi baseada em imagens televisuais, portanto, a análise se reduz aos movimentos dos jogadores dentro desses planos, onde aspectos importantes das movimentações táticas podem ser ocultados. Uma possibilidade para a resolução deste problema é a gravação do jogo ou treinamento utilizando um plano que permita a visão panorâmica do campo.

É importante destacar que as ações táticas não são estritamente regulares ou mecânicas. Tal conclusão seria antípoda à abordagem semiótica que investiga processos mentais, de inteligência e evolução. Do ponto de vista semiótico, há coexistência de acaso, reatividade e mediação. A observação das gradações de regularidades indica a ação do símbolo.

O foco do método é investigar semioses em sua plenitude agindo sobre comportamentos coletivos, logo, com gradações de regularidade e predominância da mediação. Volta-se para a investigação de comportamentos orquestrados com gradações de regularidades em dado período espaço-temporal, no caso da análise aqui realizada, um dos modos de ataque da seleção brasileira de 1970.

Tal como o modelo das seqüências numéricas 3-5-2 e 4-4-2, da teoria dos jogos, dos sistemas complexos ou teorias cognitivas clássicas, a semiótica pode contribuir com sua abordagem específica. Oferece uma compreensão das ações táticas como linguagem estruturada logicamente pela ação dos signos.

Abstract

The tactical sign in soccer: Semiotics Analyses of Brazilian Squad in the 1970's World Cup

The dynamic of professional soccer is characterized for high performance and competitiveness. In this context, the tactic is recognized how as a decisive aspect for game's performance. The purpose of this article is to contribute for investigation of tactical behavior in soccer through semiotic approach. The aim of semiotics is to investigate a phenomenon through the action of signs. The sign's function is to make efficient the inefficient relations. That smart process is denominated semiose. In this approach, the tactic is understood as a collective sign. This sign influences specific ways of the players' movement coordination. One semiotics method that should identify and analyze the sign's action in soccer tactics is proposed. To identify effects of semiose's process is necessary observe the regularities in movements' combination during the games. The regularity is a symptom of sign's action. For this analysis is necessary to understand the context that activates the semiose; the free spaces in soccer field and involved players and the way of the players combine their movements. This method is used to analyze one tactical symbol of Brazilian soccer team at the FIFA World Cup in 1970. The result of analysis show that a sign action influence at 42% of Brazilian's goals in World Cup of 1970.

KEYWORDS: Symbol; Mind; Language; Peirce.

Referências

1. Giulianotti R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria; 2002.
2. Greco PJ. O componente tático: material didático do curso de mestrado em Ciências do Esporte. Escola de Educação Física da UFMG: Belo Horizonte; 1992.
3. Garganta J. Modelação tática do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento [tese]. Porto: Universidade do Porto; 1997.
4. Lodziak C. Táticas de futebol. Barcelona: Hispano Europeia; 1977.
5. Santaella L. Semiótica aplicada. São Paulo: Cengage Learning; 2002.
6. Cavalcante D. Faces do futebol arte no Brasil: da sedução malandra à imaginação tática. Fortaleza: Expressão Gráfica; 2011.
7. Hartshorne C, Weiss P, editores. The collected papers of Charles Sanders Peirce. Electronic edition. Vols. 1-6. Cambridge: Harvard University Press; 1931-5.
8. de Wall, Cornelis. Peirce: a guide for the perplexed. London: Bloomsbury Academic; 2013.
9. Peirce C. Semiótica. São Paulo: Perspectiva; 2008.
10. Peirce C. Antologia filosófica. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda; 1998.
11. Santaella L. Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal. São Paulo: Fapesp; 2005.

ENDEREÇO

Diego Frank Marques Cavalcante
Rua Frei Inácio da Conceição, 500, Casa 3 –
Vila São Luís
05362-040 – São Paulo – SP – BRASIL
e-mail: marquesdiego@usp.br

Recebido para publicação: 09/10/2014

1ª Revisão: 10/08/2015

2ª Revisão: 09/03/2016

Aceito: 26/09/2016